

## NA ALEMANHA

## Movimento de protesto

Parece enfim acentuar-se na Alemanha um movimento contra a guerra—ou pelo menos contra as suas consequências...—empreendido pelos militantes da social-democracia, sob o acicute das massas operárias e da opinião socialista.

Os socialistas antiguerristas distribuíram um manifesto feroz, apontando como um belo exemplo a luta heróica dos revolucionários italianos contra a guerra. É mais um facto a confirmar o que temos escrito: a atitude antiguerrista dos revolucionários, além de combater o inimigo nacional, proporciona aos camaradas do país «inimigo» uma excelente arma contra o seu próprio governo, um poderoso meio para levantar as massas contra o seu natural inimigo interno e para apresentar os trabalhadores do estrangeiro, não como inimigos de raça, mas como irmãos que lutam pelo mesmo fim. O intervencionismo faz o duplo mal oposto.

O manifesto mostra que o verdadeiro inimigo dos trabalhadores alemães deve ser procurado, não na Itália ou nas nações aliadas, mas na própria Alemanha, no imperialismo germânico, no partido guerrista e na diplomacia secreta da Alemanha, incita o povo de cada país a concentrar as suas atenções nos seus próprios militaristas e imperialistas e conclui deste modo:

«Os inimigos da classe trabalhadora ganham na falta de memória dos operários, na picardia das massas. Mas nós erguemos as nossas vozes. Por quanto tempo continuarão os especuladores do imperialismo a brincar com o povo? Basta, e mais do que basta, desta carnificina! Abaixo os fazedores de guerra deste e do outro lado da fronteira! Acabe-se a matança dos povos!»

Trabalhadores de todos os países, segui o heróico exemplo dos vossos irmãos italianos! Uni-vos na luta internacional da classe operária contra os tramais da diplomacia secreta, contra o imperialismo, contra a guerra, e em favor duma paz concluída no espírito socialista. O principal inimigo dos trabalhadores de cada país está dentro do seu próprio país».

Em resposta ao discurso do rei da Baviera, advogando a anexação da Bélgica, os capitães militantes socialistas Bernstein, Haase e Kautsky publicaram também um manifesto que causou sensação. Entre outras coisas, diz:

«Aproxima-se o momento em que alguns de nós receberão. Permite a social-democracia que vote os créditos de guerra, mas desprezando completamente quando se trata de decisões cujas consequências serão das mais graves para o futuro do povo.»

Entre o nosso povo e o dos outros países beligerantes, manifesta-se cada vez com mais força a necessidade de paz. E quanto as classes dirigentes reconhecem assestadas ante a realização desses votos, milhares e milhares de homens voltam os olhos para a social-democracia, na qual estavam habituados a ver o partido da paz, e esperam dela a palavra salutar e a atitude conforme.

Desmascaradas ante o mundo inteiro as intenções de conquista, tem a social-democracia liberdade inteira de se atar do modo mais enérgico ao seu ponto de vista de principio e a situação actual faz desta liberdade um dever!

...A disposição actual dos acontecimentos reclama da social-democracia alemã que dê um passo decisivo para esse fim (acordo internacional socialista para estabelecer as bases da paz e reclamar dos governos). Ela vê-se hoje ante este dilema: Ou cumprir o seu dever, ou vibrar um golpe mortal na confiança que ela tem até aqui merecido do povo alemão e do mundo inteiro, lutando pela paz dos povos».

Hum! Esse golpe parece-nos que foi vibrado com a atitude da social-democracia ao declarar-se a guerra e talvez já seja tarde para o curar. E para se impor. Pois a social-democracia pensava deveras vir a ter voz activa nas decisões importantes? Não acreditamos nessa sinceridade dos bonzos burgueses da social-democracia. Eles bem sabiam que ao seu partido só era dado ser um instrumento traçoso nas mãos dos dirigentes: votar os créditos, entrar no côro nacional, acalmar as veleidades revolucionárias da massa operária.

Hoje ainda, esses bonzos acham excessivo o moderado manifesto dos três; e dez membros da direcção do partido publicaram no *Vorwärts* uma contra-declaração (que só três recusaram assinar) dizendo que Bernstein, Haase e Kautsky punham em perigo a unidade da seita! A isso respondeu Haase no mesmo jornal.

Apesar disso, a mesma direcção viu-se na obrigação de publicar outro manifesto—«A social-democracia e a paz!—exortando o governo a iniciar as negociações de paz. Por causa disso, foi sus-

penso o *Vorwärts*, órgão central da social-democracia alemã que parece ter sido já autorizado a reaparecer, comprometendo-se a não prosseguir na campanha pela paz!

Há ainda a notar uma significativa carta aberta, endereçada aos directores da social-democracia e dos sindicatos por mais de setecentos funcionários e militantes socialistas e operários. Eis algumas passagens:

«A massa esmagadora dos camaradas do partido esperava do grupo parlamentar que reclamasse enfim no mês de maio, após dez meses duma luta terrível, cuja duração e resultado são ainda imprevisíveis, o termo imediato da guerra... Mais uma vez a esperança das massas ficou irrealizada!»

Assim como não teve uma palavra de protesto contra a violação da neutralidade belga; assim como recusou elevar a voz contra o torpedeamento do «Lusitania», contra o sistema de represálias que provoca uma emulação de crueldade e mergulha a população civil cada vez mais nos horrores da guerra; assim como deixou de seguir o exemplo dos nossos camaradas sérvios, russos, ingleses e italianos, lutando contra os responsáveis da guerra mundial no seu próprio país; assim como ajudou a cobrir a empresa imperialista com o manto do patriotismo, o grupo parlamentar faltou também completamente ao seu dever naquela circunstância.

...Pomos-vos em guarda contra a continuação da política de 4 de Agosto e de 29 de Maio. Sabemos que exprimimos as concepções duma grande parte dos camaradas do partido e das camadas profundas da população, se pedimos que o grupo parlamentar e a direcção do partido se apliquem enfim à salvação da guerra mundial na linha a luta de classes sobre a base dos principios do programa e das decisões partidárias, numa palavra, a luta socialista pela paz. Sem isso, a responsabilidade de tudo o que porventura suceder cairá sobre os que empurraram o partido para esse caminho escorregadio e nele o querem manter».

No fundo, esta carta-manifesto, cuja reprodução nos jornais foi proibida pela censura, é um libelo formidável, formulado pelos próprios socialistas democráticos, contra o parlamentarismo.

«Mas verão eles isso? Ou continuarão a confiar no grupo parlamentar e nos dirigentes do partido, a esperar deles o gesto libertador, em vez de se fiarem apenas no seu próprio esforço, organizando-se para a acção directa?»

E' o que devem fazer no caso presente e para o futuro em todos os casos, se pretendem realmente conquistar a emancipação social. Nas actuais circunstancias urge que não se limitem a um simples protesto verbal como em 1870, por mais unânime que seja.

A demonstração de mulheres ante o parlamento, em 28 de Maio, parece ter sido um bom prenúncio.

## Pangermanismo e panslavismo

## O perigo alemão e perigo russo

Com estas epígrafes, publicamos no nosso número de 23 de Maio um extracto de Bakunine, certos de que todos os nossos leitores, sobretudo os portugueses, compreenderiam o nosso intuito. Não quisemos invocar a autoridade dum grande homem, nem subscrever todas as afirmações e conceitos de Bakunine; mas pois que a sua opinião era manejada contra nós e só o davam como tendo visto e previsto o «perigo alemão», apresentamo-lo a mostrar do outro lado o «perigo russo». Questão de equilíbrio... europeu.

A *Acción Libertaria* de Gijón, é que o não compreendeu assim, mostrando-se toda surpreendida por termos dado aquele trecho, que, segundo ela, prova contra nós, e achando por isso que o supremo Júpiter, possuído da sinistra intenção de nos perder, já começou por nos transtornar o juízo.

O semanário de Gijón entende que o «perigo alemão» é actual, ao passo que o russo é apenas futuro, sendo esta também, no referido extracto, a opinião de Bakunine, que o faz depender, diz *Acción Libertaria*, da politica internacional tedesca.

No escrito em questão, Bakunine refere-se á politica interna da Alemanha quanto aos seus súbditos eslavos. Mas a questão das causas e responsabilidades da presente guerra não vem para o caso: quanto a isso, temos dito alguma coisa e muito falta ainda que dizer—i respeito das causas, que nunca pretendemos que fôr sem exclusivamente económicas, e a respeito das responsabilida-

des, que tocam a todos os Estados.

Agora trata-se do facto consumado da guerra e das suas prováveis consequências. E é dêsse facto consumado (cuja consideração deve agradar á *Acción Libertaria*, que se presume muito realista), é dêsse facto consumado que Bakunine faz depender o grande perigo panslavista—porventura exagerado, como é exagerado o perigo germânico, afim de encobrir o verdadeiro perigo militarista, capitalista e estatal. «Se pelo contrário triunfarem os eslavos, sob a bandeira do Tsar da Rússia, estará a humanidade perdida por muito tempo.» *Si au contraire les Slaves triomphent, sous*

*les drapeaux du Tsar de Russie, c'en sera fait de l'humanité pour longtemps.* A nossa tradução não encarece a idea, antes pelo contrário.

Tal qual o perigo alemão, o perigo russo resulta, pois, para Bakunine, da luta formidável que ele previa; e se este perigo é immediato ou não, perguntem-no aos revolucionários russos e, sob o ponto de vista nacional ás populações escandinavas, finlandesas, judaicas, polacas, ucranianas, etc.

Quanto á França e Inglaterra, essas já terão bastante água pela barba com o perigo militarista, que lhes cresce pavorosamente em casa... por causa do «perigo alemão»...

## GUERRISTAS OU QUÊ?

Em nosso número de 20 de Junho, dissemos que, estando travada entre dois grupos de Estados uma guerra, guerristas são, literalmente, objectivamente, todos os que nela tomam parte voluntariamente, para contribuir para a derrota duma das partes (e portanto para a vitória da outra). Pouco importa se a adesão á idea da utilidade da luta ás ordens dum governo e em colaboração com todas as classes do Estado é permanente ou transitória e limitada ao caso actual; e se a intenção íntima do combatente ou a sua razão justificativa é esta ou aquella, se cada um dá ao acto material, idêntico em todos, diverso conteúdo ideológico, coisa frequentíssima na vida. Foi o facto positivo, puro e simples, que nós tivemos em vista.

A *Acción Libertaria* não concorda e aduz vários argumentos. (1)

Para definir a guerra propriamente dita (luta entre Estados) e para distinguir o intervencionismo por meio da guerra do intervencionismo por meio da revolução, empregamos a expressão «intervenção em favor dum dos Estados».

A «realista» *Acción Libertaria*, desprezando o realismo do facto material, diz que tais intervencionistas não interveem em favor dum Estado: a sua intenção é defenderem povos atacados (todos se consideram atacados e todos o são com efeito pelos diversos militarismos e oligarquias), salvarem duma crise certos valores ideais (que, a nosso ver, eles comprometem) e evitarem o militarismo resultante do triunfo germânico (dum triunfo qualquer, ou da guerra, dizemos nós).

«Mas tomam ou não tomam, de facto, o partido dum dos grupos de Estados? Batem-se ou não por um deles? Cooperam ou não, como fim próximo, na vitória dum e na derrota do outro?»

«E como havíamos de chamar então á intervenção contra todos os Estados, áquella que consiste em lutar (com forças e meios possíveis) contra a guerra e contra o «inimigo interno» o que é, a nosso ver, o meio mais pratico e eficaz de lutar também contra o «inimigo interno» dos revolucionários estrangeiros, proporcionando a estes um admirável instrumento de propaganda e acção entre as massas e tirando ao seu governo uma arma perigosa, por ele manejada para obter a adesão do seu proletariado, cimentar a solidariedade nacional e fomentar os ódios de raça?»

E depois, somos nós os sofistas!

A *Acción Libertaria* acrescenta que os revolucionários intervencionistas não propagaram a priori a intervenção em qualquer guerra. Mas a coisa fica agora feita para o futuro: porque em todas as guerras, como em todas as lutas políticas, fácil é encontrar motivo para tomar partido e para intervir por uma das facções; e na verdade não há nenhuma—guerra ou luta política—cujo resultado nos seja absolutamente indiferente, penda para onde pender a vitória. Por isso, a conclusão a tirar daquele raciocínio é que deveríamos adoptar a reformismo, abandonando o método que caracteriza e distingue o anarquismo.

mó militante. A questão toda está no modo de intervir.

Outro ponto. Basta ler o nosso *suelto* do dia 20 de Junho, para ver que não comparámos os conservadores clericais aos revolucionários intervencionistas; para tornar mais clara a nossa idea, dissemos que até aqueles maldizem a guerra. Não discutimos razões nem intenções.

Mas, objecta *Acción Libertaria*, os conservadores prepararam e provocaram a guerra, ao passo que os intervencionistas lutaram contra ela. Repetimos: não o quisemos negar, nem fizemos confrontos. Mas já agora sempre diremos que muitos intervencionistas só depois da guerra é que parecem ter descoberto o imenso, único e exclusivo perigo alemão. Do contrário, não deviam ter combatido o militarismo em todas as suas formas, mas sim ter aderido á idea social-democrática da nação armada... nas mãos do Estado, do «exercito novo» de Jaurès. Pelo menos. Em compensação, agora preparam o terreno para esse novo militarismo—equivalente de outro qualquer—se, como é provavel, não desaparecer de todo o «perigo alemão», ou se surgir outro da mesma raça...

Tampouco comparámos o parlamentarismo á guerra (se o tivéssemos feito, teria sido talvez para achar erro mais grave o *guerrismo* do que o *parlamentarismo*). Apenas comparámos o argumento dos que repudiam a qualificação meramente objectiva de *guerristas* com o de certos socialistas que se declaram anti-parlamentaristas, mas dizem fazer parlamentarismo por necessidade de momento.

Com efeito, a argumentação destes é a mesma: repudiam a designação *objectiva* de *parlamentaristas*, resultante do facto material de participarem na acção parlamentar, e invocam para isso razões puramente subjectivas.

*Guerristas*, dizemos nós agora objectivamente; não l respondemos nós, alegando considerações subjectivas e fazendo intervir na definição e na qualificação as suas opiniões e intuítos particulares. Como se fôsse possível assim qualquer terminologia, qualquer definição!

Que quer *Acción Libertaria*? Que lhes chamemos *realistas*? Isso não pôde ser, pois que nos consideramos tam realistas ou mais do que eles. Temos outra maneira de ver e interpretar a realidade; opomos factos a outros factos, hipóteses a outras hipóteses; supomos servir melhor as nossas ideias, aumentar mais eficazmente os nossos «valores ideais».

O semanário de Gijón—que, por sinal, se esqueceu de examinar a nossa melhor comparação: a do nome de *insurreccionais* com o de *guerristas*—rejeita igualmente a apelação de *intervencionistas*. E diz que também achamos imprópria. Ora, nós achamo-la «não muito menos imprópria» do que a de *guerristas*. Nesse caso, até esta última a reconhecemos nós, no aludido *suelto*, como um tanto incerta.

Mas onde estão, em terminologia social, as palavras de significação perfeitamente definida, insofismável e inequívoca?

Nós, afinal, o que quisemos foi mais defender-nos da acusação de malevolência, mostrando

o sentido objectivo da palavra, do que demonstrar a impecável propriedade do termo; e a prova é que temos evitado depois o seu emprêgo, visto ela ofender—a nosso ver, sem razão, tratando-se de gente «realista»—as susceptibilidades de pessoas com quem esperamos em breve caminhar novamente de acôrdo.

Quanto a *intervencionistas*, não podemos deixar de usar o termo, á falta de outro mais preciso e mais exacto, para indicar os que na questão da guerra se separam de nós e da enorme maioria dos anarquistas.

(1) A *Acción Libertaria* diz *guerristas*, *guerrillistas*. Sem querer fazer caturrices de purista, parece-nos que *guerrista* não é bem a mesma coisa. Mas o caso é de pouca monta.

## Coisas historicas

12-1804—Funda-se em Zaragoza uma escola técnica de artes e officios.

13-1374—Morre Petrarca, distinto poeta italiano que muito se sacrificou na defesa da liberdade do seu país.

14-1913—Em Avelron dá-se uma violenta explosão do gás, que ocasiona inúmeras mortes.

15-189—Sai em New Jersey (E. U. A.) a *questão social*, semanário anarquista.

16-1913—Os operários dos estaleiros de Hamburgo declaram-se em greve, reclamando melhoria de situação.

17-1907—Conflitos agrários na Rússia, sendo promulgado o estado de sitio em Petrogrado e havendo muitas prições.

18-1913—Grandes manifestações revolucionárias em Viena do Castelo por causa da carestia do pão. Depois de alguns dias de luta, os operários conseguem ver atendidas as suas reclamações.

## Notas de perto

XIV

Meu Caro C

Se não tu, pelo menos alguns dos que terão lido as ultimas *Notas* que te dirigi, devem ter extranhado talvez a minha acrimoniosa attitude para com a nossa aliada Inglaterra. De atenuante a esse *dissabor* serve muito bem a satisfação íntima de que outros saberão destrinçar que me refiro apenas aos capitalistas e financeiros e que considero os trabalhadores de todos os países vítimas da desmedida ambição de todos eles, para quem não ha patriotismo nem nacionalidade que valha.

O socialista inglês, Keir Hardie, num artigo que tenho presente e que ele intitula «Patriotismo Medido em Milhões», dá-nos algumas amostras e cita-nos algumas opiniões insuspeitas do quanto é abnegada e desinteressada toda a obra dos financeiros do seu país. Diz-nos:

«Sir Robert Giffen, uma das maiores autoridades do seu tempo, no comércio e nas finanças dizia em 1899, que as receitas vindas de fóra, em commercio e empréstimos, eram cerca de 118.000.000 de libras, das quais apenas 18.000.000 de libras eram produto de verdadeiro commercio e que as outras 100.000.000 de libras eram de empréstimos coloniais e estrangeiros. Segundo o economista politico, Mulhall, ha um aumento de 90 p. c. sobre a mesma receita em 1882; um aumento de receita de 70.000.000 de libras em 20 anos é boa razão para entusiásticas recepções, etc.

«Em 1909, Sir George Raib fez uma conferencia na «Royal Statistical Society» sobre «Os nossos Interesses nos Empréstimos ao Estrangeiro» e calculava-os em 140.000.000 de libras nesse mesmo ano, ou seja 40.000.000 de libras em 10 anos ou uma média de 4.000.000 de libras em cada ano. «Depois, o ministro da Fazenda, Mr. Lloyd George, em resposta a uma pergunta em 11 de março, declarava:

«A importância total do capital inglês colocado no estrangeiro atinge quatro mil milhões de libras (4.000.000.000 de libras) e a receita do seu rendimento nos empréstimos coloniais e estrangeiros é de *duzentos milhões de libras* (200.000.000 libras) por ano.

Keir Hardie, reune depois es-

A hora do descanso

-Ai, Mariquinhas, não sei que hei-de fazer á minha vida Isto é uma consumição, é um nunca acabar... Que será da gente?
-Mas que foi, sr. Aninhas?
-Ora que há-de ser! E' que está tudo cada vez mais caro, os ganhos são cada vez menos, e nem a gente sabe o que há-de dar aos pequenos. Ele é o pão, ele é o bacalhau, ele é o arroz, ele é a batata, ele é tudo, tudo, tudo... A gente nem sabe p'ra onde se há-de virar. Daqui a pouco, é tudo a rebentar p'ra aí de fome...
-Pois é, é. Enquanto os pobres quiserem.
-Ora, que não-de os pobres fazer, não me dirá? Se o governo não trata de...
-Issol Fie-se na Virgem e não corra...
-Sim, lá o meu homem também diz que o governo pouco pode fazer e que todos pedem providências, mas ninguém lhe lembra quais não-de ser.
-Lá que o governo pouco pode fazer, por essa estou eu, sr. Aninhas. O mais que faz é deitar poeira aos olhos do povo, ir entre-tendo e empalhando, atamancar feis que não se cumprem e nada remedeiam. Mas a respeito de lembrar providências, isso agora... Quem é que as havia de lembrar então?
-Quem? A gente, os pobres, os que precisam...
-Não faltava mais nada! Então a gente é que tem o leme do barco? Somos nós que governamos na caranguejola das leis e que mandamos nas terras e nas fábricas, nas riquezas e em tudo! Isso é lá com eles. Eles que se arranjam. Tem as vantagens todas, não-de ter também alguns encargos e dissabores, bem poucos. Não há rosas sem espinhos.
-Mas se eles disserem que não podem?
-Quem não pode, arreja.
-Então eles não-de largar tudo, deixar tudo ao desamparo? e depois?
-Ai, não se afijal! Se os trabalhadores tomassem conta de tudo—terras, e fábricas, e máquinas, e caminhos de ferro, e o resto—os patrões e governantes não haviam de fazer falta. Tudo se punha a trabalhar, e enquanto houvesse quem precisasse de comida, de rou-

pa ou de casa, não havia de ficar um campo por lavar, nem uma máquina parada, nem um abrigo por construir. Que experimentem!
-Pois sim. Nessa não caem eles.
-A quem vossemecê o diz! Nem eles caem nessa, nem os pobres parecem ainda resolvidos a exigir-lho. Mas bom é que exijam quanto mais melhor, e os que estão de cima que se aguentem como puderem.
-Eles também ás vezes vdem-se gregos para atender a todos. Olhe a Mariquinhas essa história das cebolas. Diz o meu homem que, se não forem para fora, quem fica prejudicado são os lavradores. Afinal, sempre há-de sofrer alguém.
-E' fácil, é. Hoje em dia, é assim...
-Já vê a Mariquinhas...
-Eu o que vejo é que isso são males resultantes da maneira como as coisas estão arranjadas, pertencendo a poucos. E depois, deixe-me dizer-lhe que, nessa trapaalhada das cebolas, deve andar especulação graúda. Os lavradores pobres e os jornalheiros pouco ganharão com a exportação da cebola, se alguma coisa ganharem, ou se não perderem como os outros pobres. Os assambarcadores, é-ses...
-Mas diz que o governo proibe a exportação, logo que a cebola estiver a 30 réis...
-Eles lá arranjarão a manter um preço mais baixo—se calhar, até em vendas a fingir—enquanto não tiverem exportado tudo o que quiserem. E depois, zás! cebola pela hora da morte, p'ra ajudar o pai que é velho. Aguenta, Zé das Albardas!
-Mas então que quer a Mariquinhas que ele faça?
-Que atire com a albarda ao ar, com mil diabos! Que escoucine, que dê por paus e por pedras, que não se fique pelas lamúrias do costumel!
-Pois sim, mas o diabo é que, como diz lá o meu homem, está tudo mau, é a tal crise, é a falta de trabalho...
-Issol dizem-no os patrões sempre. Mas se o povo estiver bem decidido a não se deixar morrer de fome, eles arranjarão trabalho e as coisas irão aparecendo. Não faltam meios de as fazer, nem falta que fazer...
-Lá está o estupor da sineta. DIABO RUBRO.

tes depoimentos insuspeitos, assim:
«Em 1800—Receitas de empréstimos ás Colónias e Estrangeiros, são desconhecidos mas podem ter sido de um milhão de libras (1.000.000 de libras).
«Em 1825—Sejam, cinco milhões de libras (5.000.000 de libras).
«Em 1880—Vinte milhões de libras (20.000.000 de libras). De 1882 a 1893 Mulhall calcula que as receitas assim obtidas tiveram um aumento de 74 por cento, por ano.
«Em 1893—Portanto, no ano de 1893, as receitas dos empréstimos Coloniais e Estrangeiros seriam de trinta e quatro milhões e oitocentas mil libras (34.800.000 libras).
«Em 1899—Com milhões de libras (100.000.000 de libras).
«Em 1909—Cento e quarenta milhões de libras (140.000.000 de libras).
«Em 1915—Duzentos milhões de libras (200.000.000 libras).
«Quer dizer que em 100 anos a riqueza dos financeiros teve um aumento, apenas pelos empréstimos Coloniais e Estrangeiros, de 200.000.000 de libras, ou cerca de quatro milhões de libras por semana.
«Lloyd George calculou que esta guerra custaria ao Estado inglês dois mil milhões de libras. O grosso desta soma colossal seria levantado por um empréstimo a 4 por cento, o que daría 80.000.000 de libras para juntar ás receitas dos patriotas capitalistas».
Talvez julgues extemporaneo ou inutil estas transcrições de números referentes a pátrias e a patriotas que não sejam aquela em que vivés e aqueles que mais directamente te exploram. Nisto está, porém, todo o valor que eu ligo a estes números: demonstrar-te sempre que possa que a vida dos trabalhadores de todos os países está inteiramente á mercê destes financeiros, internacionalmente bem unidos, e que é necessário esclarecer os espiritos para que esta exploração e esta situação sem

nome tenha em breve o fim que se destina a todas as coisas inúteis e prejudiciais.
A patria dêles! H. Robertson Murray publicou um livro: «Krupps and the International Armament Ring: The Scandal of Modern Civilisation», e diz-nos a pags. 122: «Os nossos coraçoados arevestidos com couraças Krupp, o Cannonus, vão combater os canhões Krupp. A Bélgica, com canhões e munições da Krupp, lutando contra as munições e canhões da Krupp. A Turquia combatendo a Inglaterra com coraçoados aqui construídos. A Austria torpedeando coraçoados ingleses com torpedos Whithead, (capitalista ingles)»
Um jornal ingles de Junho de 1911, diz que «a Itália podia ser considerada um feliz campo de caça para os fabricantes de armamentos» e outro logo nos acrescenta: «os prejuizos causados pelos japoneses á armada e ao exercito russo, foram todos reparados por firmas Alemãs, Inglesas, Francesas e Austriacas. Temos o Deutsch Bank (alemão) com accções de Vickers, Ltd., a Krupp dirigindo o fabrico das munições na Poutiloff, na Rússia. A Krupp fornecendo, em 1901, 18 baterias de canhões de campo á Inglaterra e vendendo-lhe também canhões para o seu exercito indiano. O Ameer do Afghanistan, subsidiado pelo dinheiro ingles comprando canhões á Krupp. Tudo isto faria mesmo rir um gato se não fosse a terrivel tragédia que todos eles produzem.»
E bem grande tragédia, na verdade! Em tempo da paz armada, pela drenagem sem conta da riqueza publica para fins criminosos, agravando sem cessar a miséria dos que vivem trabalhando, escravizados e escarnecidos; em tempo de guerra, amontoados de cadáveres imolados ignobilmente a usara dos patriotas financeiros, capitalistas e comerciantes que de todas as situações e de tudo tiram charutos prouventos para sua engorda.

TABELA VIII Aumentos com o Exército

Table with columns: Países, 1881, 1891, 1901, 1914, Excesso de 1911 sobre 1881, Orçamento total para trinta anos. Rows include Austria-Hungria, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Rússia, Estados Unidos, and Totais.

O orçamento total para os trinta anos, é obtido em todos os casos: 1) pela média das importancias no começo e no fim de cada década; 2) pela média de três importancias assim obtidas; 3) multiplicando a média final por trinta.
1 Estas são somente as nações que apresentam uma base segura de comparação desde 1881.
2 Contado como 107.500.000\$ no orçamento total para trinta anos, para permitir as despesas extraordinarias com a guerra dos Boers.
3 Isto inclui mais de 40.000.000\$, gastos em rios, caes e outras obras civis.
4 Deixando as cinco nações mencionadas nas Tabelas VII, XI e XII.

As Tabelas VIII e X da «World Peace Foundation» mostram os aumentos de despesas militares e navais de sete nações no periodo 1881-1911.

Por elas verá para onde vão todos os sacrificios que do povo exigem e como, sem um queixume, o povo se deixa espoliar e ludibriar para edificação do abismo em que perecem tantas vidas e desaparecem tantas boas esperanças.

Doloroso constatar tanta ignorancia popular, (tanta subverção da dignidade humana que mantem de pé tanta ignominia e tanto crime.

Por tudo isto, meu amigo, e como o teu sentimento não está ainda embotado e vés que é necessário trabalhar para urgente remodelação social, espero que te decidas a colaborar connosco na obra empreendida.

Que o grito forte seja sempre contra os que perturbam a paz dos lares, a vida dos povos e quem fazer com que a palavra amor desapareça de todos os lábios. O ódio não deve existir entre irmãos e os que trabalham são todos irmãos que devem unir-se e amar-se para a vida fecunda e livre.

Lisboa, 13-7-1915. Teu H. QUESARIO

VIDA SINDICAL

Nucleo Juventude Sindicalista (Porto)—Reunião geral. Efectuou-se no ultimo domingo a reunião geral deste Nucleo. Presidiu J. Alves da Silva, secretario do por Eduardo Gonçalves e José Campos. Depois de lida e aprovada a acta da reunião anterior foram tomadas as deliberações que seguem:

Realisar um passeio de confraternização e propaganda a Vila de Pinheiro, de acordo com o Nucleo da Povoia de Varzim, no domingo 1 de Agosto proximo, e nomear os associados Joaquim Salgado e Manoel P. Pinho para membros da comissão de propaganda.

Tambem foi aprovada a seguinte moção: O Nucleo J. S. do Porto, em reunião geral, tomando conhecimento de se haver organizado uma Associação Internacional dos Trabalhadores, resolve saudar-lhe calorosamente, fazendo ardentes votos pelo seu bom exito.

Igualmente se deliberou tornar publica esta afirmação: O Nucleo J. S. do Porto, em reunião geral, constatando que certos elementos reinvidem nos seus desejais ataques de insulto e calúnia aos Nucleos de J. Sindicalista, ratificam o seu mais absoluto desprezo a essa campanha rancorosa, prossequindo imperturbavelmente na sua missão instrutiva e emancipadora até que algum de sufficiente valor moral e intelectual demonstre doutrinaría e convincentemente a sem-rasão da existencia dos Nucleos de Juventude Sindicalista.

Por fim resolveu-se enviar no dia 25 do corrente mez um delegado á Braga para fazer naquela cidade uma conferencia de propaganda sindicalista.

Comissão de propaganda—São por este meio convidados os membros desta comissão a reunirem hoje, ás 11 horas, na sede do Nucleo para se tomarem resoluções inadiaveis.

Balanço de contas do 2.º trimestre do ano corrente:

Table with columns: Recéita, Despesa, Saldo. Rows include Abril, Maio, Junho, Total da recéita, Total da despesa, Saldo que passa para o 3.º trimestre de 1915.

União dos Sindicatos Operários (Lisboa)

Reuniu no dia 12 a assembleia ordinaria de delegados. Foram lidos officios das Associações de Classe dos Canteiros e Caruniteiros Civis, enviando novos delegados, que tomarão assento. Foi lido um officio da Associação de Classe dos Marceneiros, com o qual a assembleia não se conformou por o seu conteúdo não representar a expressão da verdade, sendo resolvido responder-lhe.

Antes da ordem dos trabalhos alguns delegados falaram sobre a forma como larga e desafortadamente se está jogando em Lisboa, tanto com as roletas automáticas, em estabelecimentos, como com roletas na feira de Santos e mesmo até por diversas formas na via pública, o que muito prejudica e ocasiona grandes prejuizos ás classes trabalhadoras, sendo presente e aprovada uma proposta do delegado dos Canteiros para que uma comissão procurasse o governador civil afim de se pôr termo a semelhante infantia.

Foi lido um manifesto da Associação de Classe dos Manipuladores de Pao, sobre as suas reclamações acerca do horário de trabalho e aumento de salários e no qual chamam a atenção desta União e da U. O. N., para o facto de existir outra associação que se denomina União dos Panificadores, mas que é unicamente uma associação de algum pessoal do grande monopólio denominado Companhia de Panificação e que por esta é sustentada. A assembleia resolveu tratar este assunto na próxima reunião.

Acorda duas reparos feitos por um delegado da Construção Civil sobre um officio enviado pela Federação da Construção Civil, foi resolvido officiar-lhe.

Na ordem dos trabalhos foi lida uma moção do delegado dos Carruageiros, na qual propõe que se estude a maneira de, no mais curto espaço de tempo, se levar á prática a publicação dum jornal diário, que seja órgão e defensor do proletariado.

Sobre este assunto falaram diversos delegados, sendo por fim aprovada uma proposta para a nomeação duma comissão de tres membros para dar parecer sobre a moção.

A comissão ficou composta dos delegados dos Fabricantes de Armas, Compositores Tipográficos e Manufatores de Calçado.

O delegado dos Manufatores de Calçado, apresentou e foi aprovada a seguinte proposta:

«Proponho para que a União, por intermédio dos seus delegados, faça a máxima propaganda para que O Sindicalista reapareça e seja auxiliado por todos os sindicatos».

Em seguida foi encerrada a sessão, sendo marcada a próxima para o dia 20 para apresentação do parecer sobre o jornal diário, tratar da União dos Panificadores e a forma de pôr em pratica tudo o preceituado nos estatutos da União.

Têndo deixado de ser cobrador da União o camarada Gabriel das Neves Junior, foi nomeado para substituir o camarada Ramos e Melo.

União Operária Nacional (Secção do July)—Reuniu extraordinariamente na passada segunda-feira a comissão administrativa desta união, tomando-se conhecimento dos trabalhos do delegado enviado a Setúbal á associação dos trabalhadores do mar, onde se ventillou a questão do tratado de comércio entre Portugal e E-panha, no que diz respeito á pesca, pois que o citado accordo pôde agravar a já difficil situação em que se encontram as classes maritimas.

Uma sub-comissão da U. O. N. encarregou-se de se avistar com o ministro do interior para reclamar que os Rur is de Corucha sejam indemnizados dos prejuizos que sofferam com a venda dos géneros da sua cooperativa, venda essa, feita há mais de dois anos pelas autoridades.

Sobre a carestia da vida foram apreciados officios da União dos Sindicatos de Lisboa e União Operária Nacional—2.ª secção, Norte—resolvendo-se prossequir na próxima quarta-feira, a discussão dos documentos que lhe foram enviados sobre o assunto.

O Conselho Central, reuné na próxima segunda-feira, 19, para tratar da carestia da vida, pelo que se pede a comparença de todos os delegados.

Operários Sapateiros de Fancaria—Reuniu a direcção deste sindicato para tratar da regulamentação das horas de trabalho, sendo resolvido realisar uma reunião magna no próximo domingo, 25 do corrente, pelas 9 horas da manhã, na sede da Associação, Rua do Montebeio, 494, a fim de a classe se pronunciar sobre este assunto.

Tambem resolveu contribuir com a quantia de 1\$ para os operários Fabricantes de Botões que estão em greve há algumas semanas, prestar-lhe todo o auxilio moral, e protestar contra os capitalistas industriais que se estão aproveitando do presente momento para mais explorar os operários.

A direcção volta a reunir na próxima terça-feira afim de ultimar os trabalhos para a reunião magna.

Orives de Prata

Reune hoje, ás 9 horas, esta colectividade para discutir a seguinte ordem do dia:—Prestação de contas do 1.º semestre; apreciar um officio da Associação dos Orives do Porto e resolver sobre a colocação do capital da Associação. A assembleia reuné com qualquer número de associados visto ser a 2.ª convocação.

União Operária Nacional (secção do Norte)—A comissão administrativa reuniu na ultima segunda-feira em sessão ordinaria, estando presente a maioria dos seus componentes. Do expediente faziam parte officios da Associação dos alfaiates e costureiras da Povoia de Varzim informando sobre o estado da carastia da vida naquelle conceelho, que foram tomados em consideração; officio da Liga das Artes Gráficas de Braga sobre a sua adesão á U. O. N.; tomado tambem em consideração, outro da Associação dos Construtores Civis de Famlândia, referindo-se á organização das classes mistas na sua colectividade; resolvidu officiar, esclarecendo.

Verificou-se a presença dos semanários A Aurora, e A Acção e o relatório da gerencia do ano ultimo já da Federação das Associações operárias do Porto.

Tratou-se em seguida da organização operaria na provincia sendo resolvido, enquanto que outros trabalhos de organização local se estão, levando á pratica, que a comissão administrativa organize as Unões Locais, em Braga, Povoia de Varzim e encete trabalhos ten tentes a unificar as federações existentes em Coimbra num só organismo.

Na penultima sessão foi nomeado cobrador desta secção o delegado dos Tecelões de seda, Abraão da Cunha.

Associação dos Pedreiros Eborados—Realizou-se nesta associação uma sessão de protesto contra a carestia da vida. Presidiu o camarada J. Fialho, secretarioado pelos camaradas J. Bernardo e José do Rio. O presidente expoz os fins de reunião avitrou que se enviasse um telegrama de adesão ao comício de Lisboa, o que foi aprovado por unanimidade. Depois usaram da palavra os camaradas P. J. Gomes, M. Domingos, A. J. Diniz, J. A. da Silva, J. Cebola e J. Cabolota, os quais combateram tenazmente os assambarcadores e os governos porque, mancomunados, roubam o povo á má cara. Aproveu-se uma moção e resolveu-se realisar mais sessões de propaganda.

Rurais de Palmela—Em assembleia geral, para apresentação de contas, reuniram no dia 4. Resolveram tambem realisar sessões de propaganda contra a carestia da vida, afim de se intensificar o movimento encetado em todas as terras do país.

Espectaculos

Conforme temos anunciado, realisa-se no domingo 8 de Agosto proximo, no Teatro Antero de Quental, (ás Antas) um espectáculo extraordinario promovido pelo Centro B. E. Sociais, em beneficio da sua escola nocturna.

O programa é composto da representação das belas peças do Teatro Livre—«O Triunfo» e «Amanhã», e da «revista» Social—«Fitas» Faladas, ornada de linda musica.

Uma excelente orquestra, na qual tomam parte alguns professores de musica, abrilhantará este espectáculo sensacional.

Os poucos bilhetes que faltam vender, aos módicos preços de 16 centavos para as cadeiras, 12 para as superiores e 8 para as galerias, encontram-se nesta redacção e na sede do Centro promotor, rua Antas, 218.

No Salão de Alcantara (Lisboa) realisa-se, no dia 7 de agosto, um brilhante espectáculo animatográfico, em beneficio do Centro de Estudos Sociais Regeneração Humana.

A comissão encarregada de levar á pratica este espectáculo, espera que todos os que se interessam pela educação do povo trabalhador, compareçam, concorrendo assim para o desenvolvimento desta prestante colectividade.

Os bilhetes encontram-se á venda na sede do Centro, Pateo do Fiuza 22 A. e no dia do espectáculo na bilheteira do Salão...